

Adicção e recuperação em Narcóticos Anônimos: Práticas no processo de transmissão da mensagem

Juliana Deprá Cuzzo¹

Resumo: A partir do interesse na noção de uma recuperação construída e vivida cotidianamente pela ajuda mútua de grupos de Narcóticos Anônimos/NA, o presente resumo destaca entre as várias práticas no chamado Programa de Recuperação dessa Irmandade uma em particular. Trata-se da transmissão da mensagem, que significa uma divulgação do propósito de uma vida abstinência de qualquer substância psicoativa, por meio do ingresso na Irmandade (LOECK, 2009). Consiste em levar as palavras de NA, seus princípios e perspectivas a pessoas que podem, em algum momento, se sentirem motivadas a participar desses grupos e se reconhecerem como adictas. Esse serviço na presente pesquisa tem como particularidade o fato de se direcionar para um espaço social institucional o qual o Estado tem a tutela, ou seja, na Penitenciária Feminina chamada *Madre Pelletier*, localizada na cidade de Porto Alegre/RS. Os termos próprios dos grupos adicção e adicto são compreendidos no presente resumo em uma perspectiva que se apresenta como algo feito na prática e no cotidiano (MOL, 2002). Ou seja, o serviço de transmissão da mensagem, possibilita a formação e a ampliação de grupos (LATOURE, 2005).

Palavras-Chaves: transmissão da mensagem, práticas, recuperação, adicção.

Introdução

A partir do ano de 2008 iniciei um trabalho de campo etnográfico entre um grupo de Narcóticos Anônimos. O primeiro resultado dessa pesquisa foi o trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais/ UFRGS, intitulado: *Adicção e Recuperação: Ajuda mútua, Moralidade e a Re-Organização da Vida no Contexto de Narcóticos Anônimos* (2013)². Tratava-se de como esses grupos de ajuda mútua de Narcóticos Anônimos – NAs e de familiares e amigos – NAR-ANON, lidam com uma relação

¹ Mestranda em Antropologia Social, PPGAS/UFRGS.

² No presente artigo, os termos próprios dos grupos citados – adicção, adicto (s), adicta (s), limpo (a), Irmandade, partilha (s), partilhador, transmissão da mensagem, Programa de Recuperação, Tradições, serviço (s), servir, aberta no corpo do trabalho serão apresentados na grafia usual. Assim, quando os utilizo, não é para cristalizar ou substancializar momento(s) do passado e/ou do presente de uma pessoa. Ao contrário, fazem parte de uma dinâmica própria dos grupos que se atualiza na prática, permitindo ressignificações que se dão no cotidiano dos sujeitos. Alguns desses termos poderão aparecer entre aspas, quando se referem a falas literais da interlocutora.

considerada como problemática com as chamadas substâncias psicoativas. Interessei-me, a partir de uma orientação antropológica, em compreender o significado da recuperação para os membros, em indagar sobre o contexto da adicção, sobre o que pode ser entendido como um sistema adicção-recuperação produzido por NA e experienciado por seus participantes cotidianamente. Trata-se de um sistema que se retroalimenta tendo em vista que a condição auto reconhecida, aberta e atualizada constantemente de adicção se realiza quando articulada com a recuperação, que por sua vez também é aberta e constantemente atualizada pela condição auto reconhecida de adicção.

Busquei compreender um contexto que se baseia, sobretudo, na ideia de vontade própria do sujeito como base para uma recuperação e de uma política de participação em grupos³ de ajuda mútua. O trabalho de campo para esta pesquisa construiu-se na participação de reuniões abertas – aquelas em que qualquer pessoa poderia frequentar; amigos, familiares, conhecidos, interessados - com a autorização dos membros de ambos os grupos, preservando o Princípio do Anonimato. Por meio das partilhas dos membros – momento durante a reunião em que cada membro fala individualmente sobre os aspectos da sua própria recuperação - pude me aproximar da experiência de recuperação desses membros, assim como dos seus princípios e das prescrições.

Como objeto específico, esta pesquisa se concentrava em diferentes concepções de recuperação, da adicção e as suas implicações na (re) organização da vida dos participantes de grupos de ajuda mútua. Foquei-me principalmente em um conjunto de princípios que também faz parte desse Programa de Recuperação, os quais constantemente estavam presentes nos relatos dos membros nas reuniões em que participei. Dentre eles, destaco aqui principalmente a chamada transmissão da mensagem, que significa uma divulgação do propósito de uma vida abstinência de qualquer substância psicoativa, por meio do ingresso na Irmandade (LOECK, 2009). A transmissão da mensagem consiste em levar as palavras de NA, seus princípios e

³ Existem atualmente vinte e oito grupos de Narcóticos Anônimos em Porto Alegre, de acordo com o site da Irmandade: <http://www.na.org.br/grupo>. É importante ressaltar como referido por Roy Wagner (2010) que a ênfase de algumas definições para os pesquisadores, como as de grupo, pode operar seguindo as suas próprias racionalidades e concepções, mais do que com as sociabilidades em que as pessoas vivem. Com essa ressalva não sugiro que os chamados grupos ou prováveis grupos de NA não são orientados por meio da participação de seus membros e de uma organização específica, mas, pelo contrário, que são grupos por simplesmente se conceberem dessa forma, em alguns momentos se materializarem nessa lógica, e se fortaleceram pela ideia comum de Irmandade.

perspectivas a pessoas que podem em algum momento, se sentirem motivadas a participar.

A transmissão da mensagem conforma-se em um caminho de mão dupla: ao mesmo tempo em que tem no horizonte a recuperação de pessoas que não conheçam e/ou não estejam fazendo parte de NA, ela mesma, por parte dos participantes de NA, é uma prática permanente de sua recuperação. Esse serviço, entretanto, embora fazendo parte de uma perspectiva comum de NA, é vivido de uma forma singular pelos membros da Irmandade. Em outras palavras, diante da complexidade sociológica em que a adicção é vivida cotidianamente, me deparei com experiências particulares de um modelo que se pretende como universal. Nesse contexto de uma instância da prática, a transmissão da mensagem pode ser feita de várias formas, em diferentes espaços e tempos, contando com a participação de mais de um membro que circulam ou não por diferentes grupos existentes. Cabe salientar a abrangência e os significados de serviços de Narcóticos Anônimos, tendo a transmissão da mensagem um lugar de destaque⁴.

A continuidade desse trabalho de conclusão de curso no nível do mestrado leva em conta uma particularidade desse serviço da Irmandade, que é quando a transmissão da mensagem se desloca para um espaço social institucional o qual o Estado tem a tutela, ou seja, na Penitenciária Feminina chamada *Madre Pelletier*, localizada na cidade de Porto Alegre/RS. A situação de reclusão coloca algumas das condições da adicção-recuperação em destaque, provocando tensão, por exemplo, em relação ao Princípio do Anonimato. Porém, por constrangimentos de tempo e de espaço, o presente artigo não irá abordar a complexidade das questões internas à situação de reclusão, devendo restringir-se a uma parte específica do caminho percorrido por algumas mulheres de NA com vistas à realização do serviço de transmissão da mensagem no espaço prisional.

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a transmissão da mensagem a partir da noção de prática de Mol (2002). Nesse sentido, pode-se pensar que a

⁴ Como me explicou em uma entrevista certa vez uma participante de NA, os serviços em uma primeira instância ocorrem nos grupos, sendo esses os de encargos, que são tarefas e posições ocupadas pelos membros, as quais viabilizam os encontros e mantêm os grupos em funcionamento. Entre eles encontram-se, por exemplo, a função de secretário. Porém, os serviços ocorrem também em outros níveis da Irmandade que não apenas os de grupos, e se faz por meio de outras funções que não apenas as de encargos, digamos oficiais. Aqui se pode pensar, por exemplo, na função do partilhador, quando juntamente com o secretário daquele grupo, guia aquela reunião específica, por solicitação própria, como tantas vezes presenciei.

transmissão da mensagem, como uma tarefa de comunicação, é uma realidade construída na prática (MOL, 2002). Isso porque a mensagem de NA só adquire sentido quando efetivamente transmitida em espaços e tempos determinados. No caso em questão, observamos que a realização desse trajeto antecede o ambiente físico da reclusão, tendo início na organização e na preparação por algumas mulheres membros de NA as quais realizam esse serviço dentro da Penitenciária referida.

Para a compreensão das práticas que envolvem o serviço referido é importante ressaltar a importância do testemunho. O testemunho, como um tipo de narrativa é uma forma constante de se recuperar o vivido em um trabalho contínuo no cotidiano (ORTEGA, 2008).

1. Metodologia

A metodologia adotada para o presente artigo é a análise de entrevistas de longa duração em profundidade realizadas entre os meses de agosto e de setembro de 2014 com uma mesma mulher, a qual é membro de Narcóticos Anônimos e realiza o serviço de transmissão da mensagem na Penitenciária Feminina. Por se tratar, no presente artigo, de uma história advinda de uma única interlocutora, essa poderá ser referida no decorrer desse trabalho sob os seguintes termos: entrevistada e participante. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas, e ocorreram no local de trabalho profissional dessa participante, a qual, no período referido, apresentava o seguinte perfil: 39 anos de idade, dois anos e alguns meses limpa, casada, classe média. O contato inicial entre a pesquisadora e essa participante da Irmandade foi proveniente de relações sociais advindas com outros membros de NA durante o trabalho de campo que se iniciou na monografia de conclusão de curso. Nesse sentido, embora esse artigo trate de uma parte específica do trabalho de campo, o tempo todo o trabalho de campo iniciado anteriormente guia e orienta as questões aqui exploradas.

Juntamente com a autorização e o consentimento dessa participante, tem-se em abril de 2015, a autorização da Escola do Serviço Penitenciário/ESP, RS, do Setor responsável pelas pesquisas entre a Superintendência de Serviços Penitenciários

(SUSEPE) e as Instituições de Ensino Superior para a realização da pesquisa na Penitenciária Feminina *Madre Pelletier*.

2. O serviço de transmissão da mensagem nas práticas

O serviço de transmissão da mensagem é uma das Tradições⁵ de NA e implica a relação entre, no mínimo, duas partes: um (ou mais) adictos(s) transmissor (es) e outra pessoa, para quem será transmitida a mensagem dos NA. Este último pode ser um participante em potencial: alguém que se perceba em uma relação considerada problemática com substâncias psicoativas ou uma pessoa qualquer que se disponha a ouvir a mensagem. A forma como um membro vai transmiti-la pode influenciar em como um membro - ou um potencial membro - vai recebê-la. Em situações etnografadas desde o meu trabalho de campo inicial, observei a tentativa de transmissão da mensagem e percebi que há formas diferentes de fazê-lo. Elas podem se caracterizar tanto por uma linguagem específica, ou outras formas estratégicas de alcançar o “adicto que ainda sofre”. Da parte do participante de NA, o serviço de transmissão da mensagem pode ser compreendido como uma forma de fazer cumprir o seu auto reconhecimento como adicto.

Como pesquisadora soube do serviço de transmissão da mensagem em Hospitais e Instituições (HI) desde o início do trabalho de campo, e atualmente compreendo a efetividade desse serviço, ou seja, a multiplicação e a ampliação dos grupos pelos membros que chegam até a Irmandade por meio do serviço, como uma forma entre aquelas pessoas de aparentar-se⁶, no sentido de construírem relações e conexões, a partir principalmente da noção de ajuda mútua.

A transmissão da mensagem, como já referido anteriormente, conforma-se em um caminho de mão dupla na medida em que aponta, ao mesmo tempo, para a recuperação de si e do outro. É, assim, uma prática de recuperação e uma recuperação na prática. Mas para que se realize, requer um trabalho que envolve vários elementos. Segundo a entrevistada para o presente trabalho, um dos requisitos percebidos para a

⁵ De acordo com o site oficial de Narcóticos Anônimos: http://www.na.org.br/as_12_tradicoes_de_narcoticos_anonimos.html.

⁶ Essa forma de aparentar-se se refere ao parentesco não apenas de relações biológicas e consanguíneas. Trata-se não de uma estrutura fixa de relações, mas de uma noção de “conectividade” (CARSTEN, 2000, 2001, 2004) a qual se faz na presente pesquisa pelo compartilhamento de uma situação comum, a adicção.

realização desse serviço são as preparações, as quais consolidam o próprio processo de recuperação das pessoas envolvidas no serviço, ou seja, consolidam, na prática, a recuperação. As preparações as quais me refiro são as informais⁷, as quais advêm dos efeitos e das relações produzidos a partir dos testemunhos de outros membros, podendo ser resumidos em (a) motivações para a realização do serviço, e (b) os ensinamentos do conteúdo da própria mensagem.

Os testemunhos podem produzir uma identificação e motivações para a realização do serviço de transmissão da mensagem direcionada as pessoas que estão possivelmente “sofrendo pela adicção”. Alguns membros aprendem a se identificar e a se motivar por partes específicas dos testemunhos de outros. Isso é o que ocorre quando algumas mulheres a partir de testemunhos de outros membros de NA, vislumbram a possibilidade de recuperação para si e para as mulheres reclusas e que, assim como os membros de Narcóticos Anônimos, se percebem em uma relação problemática com as chamadas substâncias psicoativas.

Dessa forma, de acordo a participante de NA, o seu conhecimento sobre os serviços de NA chamado HI – Hospitais e Instituições⁸, ocorreu quando em uma reunião, por meio da partilha de um outro membro, ela soube inicialmente sobre esse serviço que ocorre no Presídio Central da Cidade e soube também sobre algumas participantes que estavam realizando esse serviço na Penitenciária Feminina. A possibilidade para o início desse serviço primeiramente ocorreu por essa informação e também pela concepção da entrevistada sobre a sua recuperação e partilha. De acordo com a entrevistada:

“só que eu achava que tava muito cedo ainda pra eu ir. Ai quando eu achei que eu tava bem já na minha recuperação, que eu tinha mais estrutura emocional, que a minha partilha tava melhor, que eu não falava mais dos meus problemas, e sim da recuperação. Ai eu resolvi fazer um treinamento em HI. E ai eu decidi ir no presídio feminino”.

⁷ Refiro-me como preparações informais a algumas situações específicas que serão detalhadas no presente trabalho. Porém, sabe-se por meio de entrevistas das preparações formais para a realização do serviço, exemplo disso, são as reuniões obrigatórias que antecedem o serviço propriamente dito, e que seguem algumas diretrizes específicas.

⁸ O serviço de HI, Hospitais e Instituições, tem como objetivo “levar a mensagem de NA ao adicto que ainda sofre”, como foi explicado por muitos membros. Esse serviço ocorre de forma programada e organizada previamente.

Dessa forma, a motivação para a realização desse serviço, guiada inicialmente pela informação sobre a existência do serviço somou-se ainda a análise da participante sobre o conteúdo da sua própria partilha.

Juntamente a isso, a identificação dessa participante com esse serviço, mais precisamente com a mensagem, ocorreu também por meio de outro testemunho, em outro local. De acordo com a entrevistada, na sua primeira internação de desintoxicação clínica, quando não era ainda membro de NA, ela recebeu também uma mensagem da Irmandade. Segundo ela mesma, por mais que naquele momento não tivesse entendido a mensagem e se identificado com o Programa, ela sabia que existia um lugar e que esse era os Narcóticos Anônimos. Dessa forma, a realização do serviço de transmissão da mensagem dentro da Penitenciária pode ser compreendida aqui, como sendo a própria mensagem que ela mesma recebeu.

Uma outra forma de preparação informal para a realização do serviço, são os ensinamentos do conteúdo da mensagem. De acordo com a mesma participante:

“O quê que eu tenho que partilhar, qual é a função de Narcóticos Anônimos: é de levar a mensagem ao adicto que ainda sofre, então o ideal é que a minha partilha seja de força, de fé e esperança. Eu tenho que falar o que que tá funcionando pra mim. E o que que não tá funcionando. Às vezes, claro, se eu tenho alguma dificuldade e eu não conseguir falar com o meu padrinho, ou eu quero falar em sala, eu posso falar. Se eu quiser ajuda, *oh eu queria que alguém me desse um retorno depois na hora do intervalo, porque eu tô com uma situação ou tô com uma situação que tá me incomodando* eu preciso botar isso pra fora, vai haver isso. Mas o ideal dentro de uma sala de recuperação é que tu fale sobre o que que está funcionando: como você está fazendo pra ficar limpa naquele dia, ou naqueles dias né anh... se tem algum pensamento ruim, como é que você fez pra desvirtuar esse pensamento: ou se você teve uma dificuldade e não usou... Isso, de falar isso já é uma partilha que ajuda já é uma mensagem. Olha, tô passando por dificuldades mas nem por isso eu tô usando drogas”.

Nesse sentido, a preparação para a realização do serviço de transmissão da mensagem de Narcóticos Anônimos, “que a minha partilha seja de força, de fé e esperança”, diferentemente de testemunhos que falam “muito sobre a doença”, de acordo com a mesma entrevistada, mas que nem por isso, deixam de apresentar algum

ensinamento. Dessa forma, a partilha deveria abranger o momento anterior, de forma breve e o posterior do membro em Narcóticos Anônimos. Segundo a entrevistada:

“Só que a ativa falar menos né, porque todas sabem como é, é só dar algumas pinceladas pra que elas se identifiquem. Depois como conheceu e como tá a vida com Narcóticos Anônimos, como funciona o programa, o quê que Narcóticos Anônimos, porque que é tão bom fazer parte de Narcóticos Anônimos, o quê que mudou na vida?”.

A mesma participante relatou ainda a importância de algumas palavras nas partilhas que recebe pela escuta em reuniões que são simultaneamente anteriores e exteriores a cada encontro de Narcóticos Anônimos dentro da Penitenciária. Segundo a entrevistada:

“porque ali eu, às vezes como cada dia numa reunião, hoje eu tenho mais essa cabeça pra ver isso, anh, parece bobagem, mas têm dias que a reunião tem algumas palavras-chaves que as partilhas, se tu prestar atenção nas partilhas, as partilhas vão te lançar palavras-chaves que vai sair na reunião. Às vezes é aceitação, às vezes rendição, às vezes fala sobre o amor, às vezes fala sobre a família. Às vezes fala sobre o egoísmo, sobre a honestidade, tem dias específicos que tu vê que as partilhas ela vêm com uma força a mais naquele dia de palavras assim iguais, que as partilhas são muito parecidas, no contexto das palavras e dos sentimentos as histórias podem ser diferentes, mas aqueles princípios espirituais, naquele dia, tal princípio é mais falado na reunião. E dai eu procuro me apegar, não me apegar, mas eu procuro ver que mensagem aquele dia tá trazendo e ai às vezes eu linko com o que eu vou falar” [se referindo ao que vai falar posteriormente, no encontro de NA dentro da Penitenciária].

Assim, observa-se que o conteúdo dos testemunhos para a realização do serviço de transmissão da mensagem advém dos testemunhos de alguns membros de Narcóticos Anônimos para outros. Esses testemunhos provocam ensinamento e engajamento na recuperação do outro, uma vez que os testemunhos aproximam a recuperação de cada membro com outros. Dessa forma as preparações informais para a realização desse serviço, de motivações e ensinamentos, mobilizam uma série de elementos os quais são entendidos, a partir do próprio testemunho da participante, como uma mensagem que apenas existe e que se faz na prática pelo manejo dessa condição.

Essa prática, por mais que ocorra a partir de testemunhos específicos provenientes de outros membros em direção à interlocutora, são testemunhos que engajam a recuperação e o serviço da entrevistada, porque a mesma os percebe dessa forma. Ou seja, é a adicta que confere sentido ao momento em que decidiu ir até a Penitenciária feminina, o qual estava ligado, de acordo com ela mesma, com a sua partilha e a sua recuperação. E não apenas isso, também ela percebe como mensagem o que ela recebeu quando estava internada e das palavras que deve usar ou não nos encontros, como também de como percebe e utiliza algumas palavras advindas de reuniões anteriores ao encontro na Penitenciária. Todos esses elementos que são baseados predominantemente em testemunhos de outros membros se conectam com o serviço que ela mesma realiza. Esses elementos interferem em como se faz esse serviço na prática da instituição penitenciária. Porém, muitos outros elementos também configuram a existência desse serviço e de alguma recuperação, assim, como os seus próprios efeitos. Um desses elementos é a ocasião em que a interlocutora utiliza o momento dos recados de NA durante as reuniões, com a finalidade de trazer o caráter da necessidade de coletividade a partir das relações para a realização do serviço. De acordo com a entrevistada:

“na hora que tem os recados, os recados da Irmandade, eu digo: *olha companheiros tá continuando o painel no Madre Pelletier, as mulheres que se interessarem são bem-vindas*. Ai eu faço uma propaganda né, e digo que sozinha eu não consigo, que eu preciso de companheiras, que quanto mais companheiras ir pra levar pra mostra levar a mensagem que funciona. Ai eu peço pros homens que estão na reunião e que são em grande maioria, se forem em outros grupos repassar essa mensagem que estão acontecendo os HI, que eu preciso. E daí, de vez em quando, os próprios companheiros vêm mulheres, ou vem uma companheira que tá precisando de ajuda que quer fazer algum serviço, ou que fala em partilha... Eles vão lá e falam”.

Pensar em situações diversas que envolvem o serviço de transmissão da mensagem faz perceber que também os testemunhos conformam redes⁹. Um testemunho que é escutado em uma reunião será atualizado em outra, através de outro adicto. Em certo sentido pode-se dizer que a prática do testemunho produz a realidade de cada reunião, e de cada serviço. Ao mesmo tempo, a realidade de cada reunião, de cada

⁹ Aqui se poderia pensar também no sentido de redes do autor Bruno Latour (1994), entendendo os testemunhos presentes no serviço mencionado, como reais, narrados e coletivos.

serviço, possibilita a criação de redes pessoais e de testemunhos que se retroalimentam das, e nas, práticas cotidianas dos adictos. Nesse sentido, a prática da transmissão da mensagem que ocorre na Penitenciária advém de práticas anteriores que se fundem e se atualizam na efetivação daquele serviço como prática.

A criação dessas redes pessoais pode ser entendida como resultado das reuniões de Narcóticos Anônimos uma vez que as mesmas funcionam como meios de agregar atores, e de ampliar grupos (LATOUR, 1994, 2005). A mensagem pode ser pensada como um delimitador, uma fronteira uma vez que tem o potencial de organizar as prováveis pessoas que estão dentro e dessa forma, conseqüentemente, as que estão fora, ou seja, por meio da mensagem os grupos se formam, se delimitando também, os não grupos. A mensagem possibilita ao servidor correspondente um sentimento de maior integração a Irmandade.

A fala da entrevistada citada no presente artigo anteriormente, na ocasião do recado de NA solicitando a participação de outras pessoas no serviço referido, no sentido dessas pessoas se agregarem em uma maior integração com a Irmandade, pode indicar entre outros pontos, em como as pessoas em uma reunião específica tensionam a posição de outros atores presentes, por meio desse convite. Ao mesmo tempo também, em que pode ser percebida essa tensão, a possibilidade de ampliação do grupo, por meio da mensagem praticada no serviço se faz visível. Dessa forma, a mensagem pode captar novos atores, e esses como sendo nova parte da rede (LATOUR, 1994, 2005), precisam reorganizar a sua própria experiência com a adicção, de acordo com a lógica de Narcóticos Anônimos essa experiência se inicia pelo reconhecimento próprio da situação compartilhada comum. A mensagem nesse sentido faz parte de uma possibilidade nova para a convivência de uma situação particular.

Importante salientar, mesmo que brevemente sobre o componente tempo no processo de transmissão da mensagem. Ele é relevante não apenas no processo de tensionamento, pensando aqui na ocasião dos recados de Narcóticos Anônimos, como também no reordenamento das pessoas na lógica de NA.

Considerações Finais

Os testemunhos são componentes que conformam o serviço, a rede se refaz a partir dos testemunhos de cada membro. Uma nova reunião refaz as possibilidades de testemunho, e assim, pode reordenar quem escuta e que testemunha. Essa capacidade do novo do testemunho é o que possibilita a experiência da recuperação ser constantemente renovada, pela prática e pela comunicação.

Assim, a recuperação própria se torna uma experiência partilhada e afetada por outras experiências de recuperação também. A recuperação pode ser compreendida como uma rede que está constantemente em tensionamento a cada nova reunião, possibilitando novas formas de se agregar, sendo o serviço de transmissão da mensagem aqui descrito realizado na prática. É justamente nessa capacidade do novo que o testemunho promove uma reconfiguração dessa rede, a estendendo-a (LATOUR, 1994, 2005).

Bibliografia

CARSTEN, J. Substantivism, antisubstantivism, and anti-antisubstantivism. In: S. FRANKLIN & S. MCKINNON (Orgs). **Relative values: Reconfiguring kinship studies**. 2001. Durham, NC: Duke University Press. p. 29-53.

CARSTEN, J. The Substance of Kinship and the Heat of the Hearth: Feeding, Personhood, and Relatedness among Malays in Pulau Langkawi. In Parkin, R; Stone L (Orgs) **Kinship and Family: an Anthropological Reader**. 2004. Malden, MA: Blackwell Publishing. p. 309-324.

CARSTEN, J. Introduction. In Carsten, J. (Org). **Cultures of Relatedness: New Approaches to the Study of Kinship**. Cambridge University Press, 2000.

CUOZZO, J. **Adicção e Recuperação: Ajuda mútua, Moralidade e a Re-Organização da Vida no Contexto de Narcóticos Anônimos**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

LATOUR, B. **Jamais Fomos Modernos**. São Paulo: Editora 34, 1994. Caps. 1, 2 e 3.

LATOUR, B. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador: Edufba; Bauru: Edusc, 2012 [2005], p.41-69,205-249, 351-372.

LOECK, J. **Adicção e Ajuda Mútua: Estudo Antropológico de Grupos de Narcóticos Anônimos na cidade de Porto Alegre (RS)**. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MOL, A. (2002). **The body multiple: ontology in medical practice**. Londres: Duke University Press.

ORTEGA, F. Rehabitar la cotidianidad. In: ORTEGA, F. et all (orgs) **Das: Sujeitos, agentes de dignidade**. Nacional de Bogotá, 2008.

WAGNER, R. Are There Social Groups in the New Guinea Highlands? In: Murray J. Leaf (Ed). **Frontiers of Anthropology: an introduction to Anthropological thinking**. New York, D. Van, 1974. (tradução: “Existem grupos sociais nas terras altas da Nova Guiné?”). In: *Cadernos de Campo*.